



ENTREVISTA COM ELIAS JABBOUR

(12/03/2023)

RDQ: Parabéns pelo “*Special Book Award of China 2022*,” principal prêmio de literatura chinesa. O senhor aplica certo sentido alternativo que o livro carrega em comparação às leituras convencionais da China, tanto no campo da esquerda como na direita. Ser premiado com certeza coroa essa certa “novidade” no campo político que muitos ainda negam a enxergar. Como você vê esse certo tom “abstrato” que o projeto chinês ainda tem no ocidente? Você vê um horizonte que isso se transforme?

Elias Jabbour: Acho que o grande mérito do livro é exatamente o de, partindo de uma construção teórica balizada no materialismo histórico, construir uma explicação não-convencional da experiência chinesa e do próprio socialismo. O livro rompe com décadas de uma visão sobre o socialismo cheia de apriorismos do que dialética. Não acho que exista um tom abstrato sobre a China no Ocidente. Existe sinofobia aberta e tende muito a piorar com a ofensiva estadunidense contra a China.

RDQ: Na filosofia também muito se fala de um momento de transformação intensa no sentido de visão de mundo, como a realidade está configurada. Recentemente muitos andam apontando uma “virada ontológica”, como se estivéssemos nos desvinculando daquela maneira que a modernidade ocidental empreendeu o Iluminismo, a Razão e a própria forma que concebemos os objetos. Você já apontou que a China carrega outro tipo de terreno histórico com essa noção de Razão, você acredita que essa “visão ontológica” diferente influenciou para que o projeto chinês se configurasse de maneira completamente nova e ainda complexa para o ocidente?

EJ: Os chineses têm uma construção filosófica muito particular baseada em filosofias de caráter tolerante e civilizatório contemporânea a filosofia clássica grega. Confúcio e Laotsé são as duas mentes por detrás da construção do ser humano chinês em sua plenitude. Essa ontologia é caracterizada pelo coletivo em detrimento do individual, da espiritualidade sem deus, do poder popular legitimado pela incapacidade das dinastias em entregarem grandes obras públicas contra enchentes e se manifesta recentemente na governança do Partido Comunista. O marxismo, na verdade, ao entrar na China é apropriado por essa ontologia chinesa e isso explica o sucesso tanto de Mao Tsétung quanto de seus herdeiros. E também se manifesta no que eu tenho chamado de transformação da razão em instrumento de governo na atual etapa histórica do país.

RDQ: Nos discursos de Xi Jinping ele constantemente faz uso de uma ideia de “acelerar a modernização socialista” como se o projeto chinês estivesse empreitando outra forma de modernização e modernidade. Nosso número se dedica em pensar o sinofuturismo, essa proposta da China como uma nova força de horizonte para o globo. Essa ideia de “aceleração” ganhou força recentemente no que muitos apontam como uma tentativa final de contrapor o capitalismo: indo fundo no processo e tentando contornar as revoltas que o próprio Capital agita (seja nas forças burguesas ou nas suas crises cíclicas), você vê que o projeto Chinês também é uma dessas políticas de conseguir controlar essa intensidade de aceleração do capitalismo?

EJ: Acredito que sim, mas principalmente esse “acelerar” tem muita relação com as inúmeras contradições geradas ao longo de quatro décadas ininterruptas de desenvolvimento econômico e também pela crescente ameaça existencial que o imperialismo estadunidense tem imposto à China.

RDQ: Por fim, nosso número se dedica em pensar o sinofuturismo. A filosofia e os conhecimentos humanos não são futurologia, mas somos bastante alinhados com as propostas de futurismos, criação de mundos e as possibilidades do real. Como você enxerga a China nesse horizonte de 2049? Qual horizonte podemos pensar dessa nova ordem?

EJ: Em 2049 talvez poderemos dizer que o socialismo provou, de forma retumbante, sua superioridade em relação ao capitalismo.